ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O HERÓI NA LITERATURA TRIVIAL

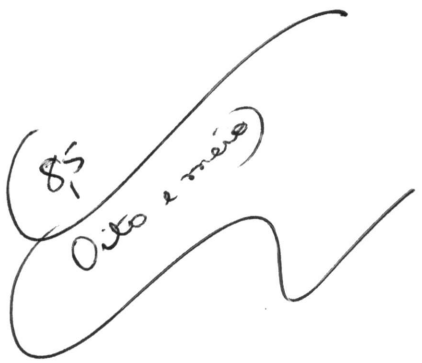
ARIOVALDO GAJARDONI

G145h

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5703
Data 25 / 10 / 99

PONTES E LACERDA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA



O HERÓI NA LITERATURA TRIVIAL.

Ensaio monográfico para graduação em Língua Portuguesa e Literaturas do VIII semestre, para fins de conclusão do Curso de Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT.
Orientadora: profª. Maria Inês Parolin Almeida.

PONTES E LACERDA, NOVEMBRO, 1997

SUMÁRIO

I- Apresentação.....06
II- Quadro Teórico.....07
III- A Narrativa Trivial.....09
IV- A Personagem.....12
V- Análise do "Corpus".....15
VI- O Herói.....22
VII- Considerações Finais.....25
VIII- Notas.....26
IX- Bibliografia.....27
X- Anexos.....28

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus
por conceder-me a sabedoria.

Aos meus familiares por
darem-me força para que
prosseguisse nessa jornada.

A minha esposa e meus
filhos por compreenderem a
minha ausência.

Obrigado!

"Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção.

Ela lhes permite viver mais e melhor, ser outros sem deixar de ser o que já são, deslocar-se no espaço e no tempo sem sair do seu lugar nem se sua hora e viver as mais ousadas aventuras do corpo, sem perder o juízo ou trair o coração.

A ficção é compensação e consolo pelas muitas limitações e frustações que fazem parte de todo destino individual e fonte perpétua de insatisfação, pois nada mostra de forma tão clara a quão minguada e inconsistente é a vida real quanto retornar à ela, depois de haver vivido, nem que seja de modo fugaz, a outra vida – a fictícia, criada pela imaginação à medida de nossos desejos.

"Mário Vargas Llosa"

APRESENTAÇÃO

Como leitor que fui até algum tempo atrás destes livros, apenas por entretenimento, sem ao menos entender os propósitos ideológicos desta leitura, hoje questiono-me sobre o que realmente me fascinava nela. Por isso surgiu o desejo de fazer a análise do bolsilivro em relação a constituição do herói presente nas suas histórias, dentro dos princípios da teoria da análise da narrativa.

Para tanto tomei como "corpus" o4 (quatro) bolsilivros da série Chumbo Grosso (Editora Monterrey Ltda) sendo eles:

I- "Final dos canalhas!"
James Monroe, nº. 66.
II- "Enterrem os Mortos!"
James Monroe, nº. 90
III- "Mulher Danada."
Mortimen Cody, nº. 95.
IV- "Discípulos do Diabo."
Tadeu Romano, nº. 85.

Todo esse trabalho tem como objetivo maior analisar dentro dos princípios propostos, a constituição do herói; nessas narrativas consideradas triviais.

Ao longo desse trabalho estarei tentando apresentar o percurso do herói incutido nessas histórias de Western.

Por representar uma parcela significativa em consumo e uma abrangência maior nos meios de distribuição, é que optei pela literatura trivial.

Para realizar o propósito do meu trabalho dividi-o da seguinte forma: a primeira parte a fundamentação teórica apresentando os conceitos de literatura e cultura de massa, narrativa trivial e a personagem com a fundamentação em autores de renome como: Lígia Averbuck, Beth Brait, Marilena Chauí e Nestor Garcia Cancclini. A segunda parte destino a análise do "Corpus" selecionado com a fundamentação no trabalho de Flávio R. Kothe. A terceira e última parte destino as considerações finais sobre o desenvolvimento dessa pesquisa Bibliográfica.

QUADRO TEÓRICO

LITERATURA E CULTURA DE MASSA

Com o advento do capitalismo e a emergente industrialização, a produção de um tipo de literatura tomou proporções infinitas, visando abranger uma totalidade em penetração e popularização .

Com a alfabetização obrigatória e a necessidade de se colocar no mercado cultural material suficiente para atender a essa demanda, a indústria cultural passa a explorar não só uma fatia do bolo, mas sim o "bolo" todo, tanto pedagogicamente, com literatura destinada ao saber, veículo para transmissão de conhecimentos úteis à vida prática e garantia futura de um lugar digno na sociedade, como a literatura voltada ao lazer, meio propício ao escapismo e à ilusão. [3]

Contudo a arte não se democratizou, massificou-se para consumo rápido no mercado [1] , fazendo assim com que os consumidores de "cultura" recebessem-na de forma crítica, inquestionada, não relevando o momento de criação individual do autor, como também a colocação no mercado de um material inferior na esfera gráfica, como é o caso dos bolsilivros, jornais, revistas em quadrinhos etc. Com isso o mercado acaba definindo o tipo e classe do leitor o qual se quer atingir, pelo poder financeiro dispensado para a aquisição desse material.

Com o surgimento da "Cultura de Massas", que, com certeza, tem suas raízes nos pós anos da revolução mundial (2ª grande guerra), e com as transformações sofridas pelo mundo, todos os setores saiam da ressaca da guerra, e o setor jornalístico e televisivo tomaram proporções enormes no trabalho de veiculação de notícias e publicação gráfica.

Nessa perspectiva, a reprodutibilidade técnicas das artes estava a serviço da propaganda de mobilização totalitária das altas classes sociais. Contudo com a reproditibilidade da obra de arte como processo de democratização da cultura, como direito e acesso às obras artísticas por toda a sociedade e especialmente pelos trabalhadores, acabou surgindo a cultura de massas.

Ao citar o desencantamento do mundo, a passagem do mito à razão, processo que liberou as artes da função e finalidades religiosas, Marilena Chauí [1] afirma que as artes foram submetidas a uma nova servidão: às regras do mercado capitalista e à ideologia da industria cultural baseada na idéia e na prática do consumo de "produtos culturais" fabricados em série. Assim, as obras de artes tornam-se mercadorias, como tudo o que existe no capitalismo.

Considerando que a arte massificou-se para o consumo rápido no mercado da moda e nos meios de comunicação de massa, sob esses efeitos, as artes correm o risco de perder três de suas principais características: 1. De expressividade; tornando-se reprodutivas e repetitivas; 2. De trabalho da criação, tornando-se eventos para o consumo; 3. De experimentação do novo, tornando-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo [1].

A arte existe para ser contemplada, fruída , no entanto com o

transformou em seu oposto: é algo para ser destinado ao consumo, não para ser fruído e superado por novas obras.

Com a idéia contrária de democratização da cultura, onde todas as camadas da população tivessem acesso aos bens culturais produzidos, deixando entender que somos livres para escolher o que queremos ler ou comprar, o mercado, sim, já definiu antecipadamente a que literatura esse público terá acesso. Assim a indústria cultural coloca no mercado obras caras destinadas a um público privilegiado, economicamente participante da esfera social, sendo essas obras vendidas em livrarias especializadas . Por outro lado produz literatura em série com publicações de qualidade inferior, "baratas e comuns", e que têm um público a ser atingido: "a massa da população":

Chauí define "massa" como um agregado sem forma, sem rosto, sem identidade e pleno direito à cultura.

Pensando nisto a indústria cultural vende cultura, seduz o consumidor, não o choca, não o faz pensar e acaba devolvendo com nova aparência o que já sabe, já viu, já fez. A "média" do senso comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara coisa nova [1], ou seja em vez de difundir e divulgar a cultura, realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos.

Quando a arte é destinada às "massas", visa a transmitir a ideologia da classe que a produz, ou seja, a dominante. Sendo que essa dominante conta com especialistas a seu serviço, na criação e produção das obras. Esse processo artístico privilegia o momento da distribuição em detrimento ao da criação - que não é individual - como também, a originalidade - que é produzido em série.

O fato de privilegiar o momento da distribuição leva-nos a entender que não é só por razões ideológicas, mas sim econômicas. Este processo visa a amplitude do público e a eficácia na transmissão da mensagem.. A originalidade da produção ou a satisfação de reais necessidades dos consumidores não são levados em conta, assim, seu valor supremo é a sujeição feliz [2] .

A relação produtores e comunicadores, que é mediada pela distribuição da arte, que constitui a "mola mestra" na organização do processo artístico, faz com que as obras cheguem aos expectadores em determinada condição as quais poderão ou não conhecê-las. Os distribuidores estendem seus poderes monopolistas ao financiamento das obras e, por conseguinte , à produção e à exibição.

Essa dependência econômica não é privilégio dos países considerados de terceiro mundo. Países desenvolvidos, que detêm um poderio artístico de produção e exportação interferem no sistema, dizendo o que deve ser publicado, o estilo, e até o teor crítico que as obras devem passar - isso acontece não só na literatura, como também no cinema. O capitalismo é a dominante das artes no mundo.

O processo artístico mediante o modelo socio-econômico está dividido em três partes: A produção e distribuição, que contam com especialistas a seu serviço, e o consumo, que visa a abranger a totalidade da população que não tem livre direito à cultura e é carente economicamente.

O sistema estético burguês caracteriza a arte em três momentos, conforme especifica Cancclini em "a socialização da arte"

Para Cancclini, a arte está dividida em arte de elites, a arte para as massas e a arte popular.

Quando se refere à elitista, de massa ou popular, deve-se levar em consideração os momentos de como se realizam a produção, a distribuição o consumo e a participação das diferentes camadas sociais no conjunto do processo.

1º. A arte elitista é originada da burguesia, privilegia o momento da criação individual. A distribuição é ignorada, e a única função do espectador é "recolher-se", "elevar-se" (...) seu valor supremo é a originalidade.

2º. A arte para as massas, é produzida pela classe dominante, ou por especialista a seu serviço. Transmite a ideologia burguesa e proporciona lucros aos donos dos meios de difusão. Tem como segundo momento o processo artístico. Visa a amplitude do público. Prima pela distribuição.

3º. A arte popular, produzida pela classe trabalhadora ou por artistas que representam seus interesses e objetivos. Põe toda sua tônica no consumo não mercantil, na utilidade prazerosa e produtiva do objeto que cria (...) Seu valor supremo é a representação e a satisfação solidária de desejos coletivos. Considerada a arte de libertação.

Contudo Cancclini acrescenta que essa distinção entre arte de elites, para as massas e popular é de certo modo formal, e completa: "Ficaria incompleta, se não esclarecêssemos que os três níveis não funcionam de forma separada, com total autonomia, influenciam-se reciprocamente pela relativa intercomunicação que existe entre as classes sociais nas sociedades modernas, e também porque tanto a arte para as massas quanto a arte de elites pertence a uma mesma indústria cultural".

Em se tratando de "cultura de massas" não podemos deixar de ressaltar a dominante da produção artística neste mundo capitalista que é a narrativa trivial.

Para tanto estaremos caracterizando-a e especificando a seguir.

A NARRATIVA TRIVIAL

"Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção".

Parafraseando Mário Vargas LLosa, do qual humildemente utilizo uma citação, considero que o ser humano tem que inventar "subterfúgio" para escapar dessa atribulada vida moderna e se refugiar na ficção, que significa, por certo prisma, imaginação, invenção.

Com isso, o ser humano busca algo fora do seu mundo real, que compense o vazio deixado pela vida corrida, e acaba se refugiando na literatura e outros artifícios que possam proporciona-lhes prazer e alegria. E, a indústria cultural acaba por pescar esse "ser humano" oferecendo-lhe obras triviais a contento.

A narrativa trivial constitui a grande parcela da produção

grande parcela da narrativa trivial. Por ser comercial a televisão não tem interesse em promover a leitura enquanto concorrência [5].

Mas o que vem a ser narrativa trivial? Segundo o vocabulário crítico[4], a narrativa é o mesmo que narração, texto em prosa no qual se conta uma história, e trivial é a narrativa que se caracteriza pela natureza repetitiva e automatizada do seu enredo, dos seus personagens e dos valores em torno dos quais eles se movimentam.

Entretanto, ela pode ser dividida em narrativa trivial de direita e a narrativa trivial de esquerda; também existe a narrativa trivial masculina e a narrativa trivial feminina.

Nas narrativas triviais de direita aparece a diferença entre o socialmente alto e baixo, características que podem ser vistas também nas obras clássicas. Para que isso aconteça a classe alta não precisa aparecer, basta que os interesses e os valores representados por ela sejam preponderantes. São triviais por causa do automatismo de sua estrutura profunda; são incapazes de aprender ou mostrar a natureza contraditória e complexa da realidade. Elas usam diferentes veículos, cinema, tevê, rádio, revistas em quadrinhos, novelas etc.

Exatamente porque a sua estrutura profunda é tão repetitiva é que a estrutura de superfície da narrativa trivial precisa ser tão variada. Corresponde a uma idade mental infantil, não desenvolvida ou regressiva [5].

A estrutura profunda é considerada tão repetitiva porque ela não muda, seja em qualquer obra trivial ela obedece a um esquema que o próprio público deseja. Ou seja, o esquema de que o bem vence o mal, o amor supera barreiras, enfim o famoso "Happy end", levando assim ao conformismo o leitor, passando a idéia de que tudo está bem. Quanto `a estrutura de superfície, que precisa ser tão variada, é justamente para oferecer infinitas obras, repetindo o esquema profundo, porém com cara de novo. Com isso acaba passando a idéia de que tudo que ali está é novo, moderno, e o leitor nunca viu.

A obra trivial é linear, exibe apenas a "grandeza" de seu herói; e a "baixeza" do seu vilão, sem entender a natureza contraditória e problemática desses conceitos. O herói pode ser branco ou preto, homem ou mulher, rico ou pobre, a sua função básica é sempre a mesma. Ele é o defensor da lei. A lei para ele é a aplicação da justiça. É a lei que ele defende.

Essas narrativas sempre têm a mesma estrutura profunda. Uma norma é violada, uma norma subordinada à lei maior da manutenção da propriedade privada; o herói procura o vilão que a violou; o violador é encontrado e punido. Aí vem o reconhecimento para o herói. Bom herói é aquele que defende a lei; mau é quem vai contra a lei. A lei nunca é discutida nem questionada: ela é absoluta.

Este herói masculino de direita é de certo modo um pseudo herói. Sempre já se sabe que no fim ele vai vencer. Só aparentemente ele arrisca a vida. Ele é masculino porque geralmente é homem e porque em geral esse tipo de narrativa se volta para um público formado por homens.

A estrutura profunda dessas narrativas representa e constitui uma orientação que é política, sob a aparência de diversão, tem-se uma doutrinação ideológica.

Embora o herói seja insubstituível, ele conta com um auxiliar mágico ou até uma singular habilidade. O vilão pode ser qualquer um, um

robô, um agente russo, um dragão espacial etc.[5] No fim o herói vence e é recompensado.

O exemplo disso aparece os personagens das histórias em quadrinhos, como o superpateta, que com um simples amendoim se transforma. O batmam sempre combatendo o mal com seu inseparável amigo Robin; o super-homem que saiu de um planeta distante (Cripton) para defender os terráqueos com seus superpoderes - incomuns aqui na terra.

Com poderes "extra" as narrativas triviais estão cheias desses personagens.

E com relação aos super-heróis, Kothe completa: "Quanto mais fracos os homens numa sociedade, tanto mais super-heróis eles recebem para se manterem fracos.

Esses heróis correm perigos aparentemente, só no final que se salvam da situação, e tudo acaba bem. Relembremos com isso a grande série "Rambo", do cinema americano. O herói de guerra representado pelo autor Silvester Stalone resgata sozinho prisioneiros de guerra no Vietnã, sem ao menos perder uma batalha. Coisa que na vida real não acontece - sabemos que apesar das negociações diplomáticas, centenas de prisioneiros morreram nos campos de concentração no país Asiático, sem que houvesse quem os resgatasse com vida.

Isso corresponde ao cotidiano da vida das pessoas, apesar dos perigos do seu dia-a-dia, é lhes assegurados que, no fim, tudo vai dar certo.

O automatismo do trivial é um conservadorismo. O seu Happ-End é a restauração da citação anterior à violação da norma.

O automatismo subjacente à variação de superfície corresponde também à vigência das mesmas estruturas de poder e trabalho, ao cansaço do operário após um dia de trabalho,a pessoa tem mais condições físicas para atenção concentrada : só quer relaxar. A TV é seu "relax center" mais barato[5].

Percebemos com isso a quantidade de novelas veiculadas pelos canais de TV em horário nobre, são novelas que retratam o modo de vida das pessoas, suas realidades, seus anseios, e fazem com que o telespectador se identifique com determinado personagem; cativando ainda mais a ficarem consumindo o "produto" oferecido.

Já o automatismo da estrutura profunda corresponde ao automatismo do trabalho em série e se respalda no desinteresse quanto às efetivas mudanças sociais[5]. Criando assim aos olhos do espectador, que por mais coisas que aconteça, ele jamais é atingido, ou mesmo não tem nada a ver com isso. É lhe também ensinado a manter o "status quo", enquanto outros é que se encarregarão de "fazer justiça".

Assim a trivialidade se configura como modo dominante de produção e consumo de narrativas, porque corresponde ao modo de produção dominante de mercadorias.

Na narrativa trivial de direita afirma o "status quo", já a narrativa trivial de esquerda procura simplesmente demonstrar que a classe alta, e tudo que ela pertence, é o baixo por natureza. É nesse sentido o alto tudo o que pertence à classe baixa.

A narrativa trivial feminina pode usar diferentes veículos; a fotonovela, a novela, cor de rosa, o telenovela, o cinema água com açúcar

etc. É destinada ao público feminino, o que caracteriza também seu enredo[5].

Basicamente tem-se uma heroína, uma mocinha com diversas virtudes, e um herói romântico, cheio de excepcionais qualidades. A moral da história é basicamente de que "o amor tudo vence"[5].

Essas narrativas triviais femininas podem ser classificadas como de "direita". São femininas dentro de um padrão bem estereotipado, pois as próprias narrativas são estereotipadas, assim como o seu público [5].

A narrativa trivial feminina de esquerda é ainda mais restrita ao que a masculina porque a mulher vive ainda mais sufocada do que o homem[5].

Em se tratando de narrativas logo pensamos em história, e com isso consequentemente nas personagens que compõem essas histórias.

Mesmo que ficcional, esses "seres" existem nas palavras do autor de acordo com Beth Brait estarei caracterizando-o a seguir.

A PERSONAGEM

A necessidade de que o ser humano tem de preencher o espaço vazio deixado pela carga excessiva de trabalho, buscando na literatura ou outra forma de entretimento no campo ficcional, abre-nos um questionamento à respeito desses "seres"que compõem este mundo.

E um dos veículos propagadores de ficção é o bolsilivro, que a meu ver ocupa parte do tempo de determinado leitor. Esses bolsilivros vem recheados de histórias que surpreendem o leitor com títulos chamativos, abordando temas que retratam o oeste selvagem e dá ao leitor a sensação de estar em frente à uma tela de cinema.

Entretanto, para descobrirmos com se constituem os "seres" contidos nessas histórias, de onde eles vêm, sua caracterização e a importância "deles" nesse mundo abstrato, que é a criação ficcional de um autor, estarei fundamentando-me em Beth Brait [6].

Para aqueles leitores que inocentemente confundem personagens com pessoas, e que até mesmo acreditam existir casas ou endereços, na vida real das personagens que habitam o mundo da ficção, podem ficar tranqüilos, esse é um artifício da obra ficcional, ser o mais verossímil possível. Esse fato é tão contundente que tomemos como exemplo as novelas de televisão. As personagens que compõem essas novelas se tornam tão "reais" na vida das pessoas, que as fazem sofrer com elas, ou mesmo quando por determinação do enredo elas desaparecem ou morrem, causam aborrecimento, tristeza, ou mesmo o luto, como se fossem alguém com laços familiares que tivesse partido. Isso acontece mesmo que ao final de cada capítulo o telespectador tenha a oportunidade de ler em destaque. "Essa é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a vida real nem terá sido mera coincidência". Essa é uma característica, também, das obras de impressão gráfica, como o romance, o bolsilivro, os best-selers a fotonovela etc.

Embora os leitores tendem a não separar a vida da ficção ou

momento da criação da personagem. "O problema dA personagem é, antes de tudo, um problema lingüístico, pois a personagem não existe fora das palavras". "As personagens representam pessoas segundo modalidades próprias da ficção"[6].

Para sabermos alguma coisa a respeito da personagem devemos encarar o momento da construção do texto. Quais os artifícios que o autor usa para dar vida a esses seres que tanto nos confundem. Pensando nisto acabamos por cair no universo da linguagem, essa maneira que o homem inventou para reproduzir suas relações com o mundo. É pela linguagem e através da línguagem bem que A personagem existe. São instrumentos usados para criar a ilusão do real.

Para Beth, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo da ficção, utiliza-se de estratégias para reinventar a realidade, transportando assim sua visão de mundo ao leitor e fazendo-o por ilusão, reportar-se à chamada realidade.

Considerando o momento da criação da personagem em um texto ficcional, vamos partir da premissa com Aristóteles que aponta para dois aspectos essenciais: A personagem como reflexo da pessoa humana; A personagem como construção, cuja existência obedece as leis particulares que regem o texto [6]; e mais, "não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário".

Complementando esses aspectos, A personagem fica definida - na concepção de Aristóteles - como "Ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação".

Para esse período, que poderia chamar-se era Aristótélica, visto que concepção de personagem era fundada na teoria desse pensador, podemos acrescentar uma outra. Essa de Horácio, que concebe a personagem não apenas como produção dos seres vivos, mas como modelos a serem imitados, identificando personagem-homem e virtude - e advogando para esses seres o estatuto de normalidade humana que supõe imitação.

Com isso Horácio contribui em avaliar A personagem a partir dos modelos humanos.

Já nos séculos XVIII e XIX a concepção de personagem fundada em Aristóteles e Horácio entrava em decadência, tomando novos ares no século XX.

Embora ainda no início do século XX, A personagem continua sujeita ao modelo humano, surge uma concepção nova formulada pelo romancista inglês E. M. Forster, que classifica em plana e redonda.

Para Forster que encara a personagem, a intriga e a história como os três elementos estruturais ao romance, trabalha o ser fictício como sendo um entre os componentes básicos da narrativa.

Sendo plana a personagem pode ainda ser dividida em tipo e caricatura. Para defini-la passo a utilizar os conceitos de gancho [4] por considerá-los mais detalhados.

Tipo é a personagem reconhecida por características típicas, invariáveis, sejam elas morais, econômicas etc; como exemplo seria a estudante, a dona de casa, a solteirona etc. A caricatura é conhecida por

características físicas. Geralmente é um personagem presente em histórias de humor ex: O analista de Bagé[4].

Segundo Gancho as personagens consideradas "redondos", são mais complexas que as planas, apresentam uma variedade maior de características, e podem ser classificadas em : físicas - corpo, vóz, gestos, roupas; psicológicas - personalidade e aos estados de espírito; sociais - classe social, profissão, atividades sociais; ideológicas- modo de pensar da personagem, filosofia, opção política; morais- se é bom ou mau, honesto ou desonesto, se é moral ou imoral[4].

Ainda na tentativa de caracterizar a personagem Beth acrescenta que "elas" agem umas sobre as outras e revelam-se umas pelas outras, sendo assim, aponta quatro funções desempenhadas por "elas" no universo fictício: elemento decorativo, agente da ação, porta voz do autor, ser fictício com forma própria de existir , sentir e perceber os outros e o mundo.

Como elemento decorativo define: "a personagem se está no romance desempenha uma função. Ela pode constituir um traço de cor local, ou um número indispensável à apresentação de uma cena em grupo. Uma outra função desempenhada pela personagem é agente da ação, que ainda é subdividida em seis categorias, essas definidas a seguir por constituírem importantes.

- Condutor da ação: personagem que dá o primeiro impulso à ação; é o que representa a força temática. Pode nascer de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência;
- Oponente: personagem que possibilita a existência do conflito, força antagonista que tenta impedir a força temática de se deslocar;
- Objeto desejado: força de atração, fim visado, objeto de carência, elemento que representa o valor a ser atingido;
- Destinatário: personagem beneficiário da ação, aquele que obtém o objeto desejado e que não é necessariamente o condutor da ação;
- Adjuvante: personagem auxiliar; ajuda ou impulsiona um das outra forças;
- Árbitro ou juiz: personagem que intervêm numa ação conflitual a fim de resolve-la.

E para complementar ela comenta que as narrativas centradas em fórmulas tradicionais comportam essas abordagens. Essas, são as narrativas triviais em que a estrutura profunda é invariável, por exemplo, os bolsilivros, as novelas água com açúcar etc.

Classificando as outras funções, temos o porta voz do autor que pode ser a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. E por último ser fictício, com forma própria de existir, os autores situam a personagem da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la.

Ao tratarmos da personagem, o momento da criação, sua caracterização ao longo do tempo, não podemos deixar de salientar em aspecto de relevância que é o da construção da personagem.

Para a construção da sua personagem o escritor recorre a um código, e é através do jogo de linguagem que ele tira do íntimo de seus pensamentos essas criaturas com as mais diversas formas.

ausente ou presente é através de sua "voz" que a personagem toma forma e passa a existir dentro da narrativa.

Para o estudo dos modos de caracterização da personagem na ficção utiliza-se a classificação narrador em terceira pessoa e narrador em primeira pessoa.

A apresentação da personagem por um narrador que está fora é um recurso muito eficaz dependendo da habilidade do escritor que o maneja, de modo a tornar criatura verossímeis Como uma câmara que finge o registro e constrói a personagem.

Quando o narrador é em primeira pessoa, implica o seu envolvimento com os acontecimentos narrados. A personagem é o câmera.

Outros dois momentos na construção da personagem é a apresentação por ela mesma e a personagem como testemunha. A apresentação da personagem por ela mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, memórias, monólogo etc. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o "vivido".

Quando a personagem é testemunha, o recurso utilizado é uma personagem secundária para fazer conhecer a personagem principal. Esse é um recurso bastante utilizado pelo romance policial. O narrador vai apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar , por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado a figura do protagonista [4].

Ao longo desse trabalho procurei situar alguns pontos a respeito da "cultura de massas" promovida pela indústria cultural que é a narrativa trivial, e em seguida a abordagem da personagem, as maneiras utilizadas pelo autor para sua criação e a sua importância na narrativa.

A seguir passo a trabalhar com a análise dos bolsilivros conforme proposto no recorte.

ANÁLISE DO "CORPUS"

Ao escolher como recorte do meu ensaio monográfico a análise da constituição do herói na narrativa trivial, o meu propósito era desvendar os mistérios que o cercam dentro dessa literatura , em relação à transposição dos valores americanos , como a justiça x violência , a propriedade privada, o ideal de um homem ocidental.

Os bolsilivros escolhidos são de impressão da editora Montrrey Ltda , sendo os títulos "Final dos canalhas !" de James Monroe "Enterrem os mortos !"de James Monroe ; "Mulher danada" de Mortimer Cody ; e "Discípulos do Diabo" de Tadeu Romano . Todos os bolsilivros escolhidos pertencem à série Chumbo Grosso , que é caracterizada pelas histórias de "Emocionantes Aventuras, Pólvora, amor e muita ação".

Esses livros são de publicação mensal e são considerados de bolso devido ao seu tamanho: sendo 15 cm de altura por 10 cm de

por unidade , são facilmente encontrados em bancas de revistas e não "postulam qualquer reconhecimento artístico , conformando a um papel descartável que lhes faculta a multiplicação infinita de um único modelo"[3].

A respeito da temática e encadernação os bolsilivros trazem títulos que chamam a atenção do leitor , principalmente o masculino , que se quer machão . Em relação a encadernação e material gráfico , não primam pela qualidade devido a manutenção do preço mínimo .

Outra característica deles é divisão dos capítulos . Os componentes deste "Corpus" trazem exatamente dez capítulos o epílogo em toda publicação, totalizando 126 páginas invariavelmente .

Esses bolsilivros podem ser de publicação estrangeira , mormente Americana, devido ao teor de suas histórias que retrata a colonização do conturbado Oeste Americano.

Embora sejam publicações ditas estrangeiras , as editoras traduzem para o português , mantendo o título original ou adaptando-o . Comprova-se em (Mulher Danada , de Mortimer Cody) na contra capa . "tradução de Luiz Castro".

A exemplo desse tipo de literatura , temos uma revista em quadrinhos muito famosa , que o sucesso permitiu a sua reedição chamada "Tex Willer". Escrita por uma dupla italiana e publicada na Itália em sua versão original , como também nos EUA e países da América Latina , mas que retrata com fidelidade a história do Oeste , sua colonização , o extermínio dos Índios pelos militares , a guerra entre o sul e o norte etc.

Com relação à estrutura profunda das narrativas , os quatros bosilivros seguem a mesma trajetória : o bem vence o mal , uma norma é violada e o violador é punido . Isso acontece sempre envolvendo o amor de uma mulher e no final é selada a união amorosa das personagens , num "hapy end" monumental a gosto e estilo que ao público masculino agrada.

Ainda nessa estrutura prevalece, também, a presença dos clichês que reforçam essa característica ex: "O sol brilhou forte, muito forte, como um disco de fogo em seus olhos"[7] ou "A Lua cheia estava, iluminando o caminho como se fosse um verdadeiro sol de prata no firmamento estrelado"(...) e as frases de amor mais marcantes como "Você sabe muito bem que não conseguirei viver sem o seu amor"; "Como é bom te amar. Como sou feliz"(...) "parece que tinham sido feitos um para o outro"; "Seu coração lhe pertencia e ela, inteira, desejava ardentemente estar com o rapaz". Essas são algumas das frases que aparecerão ao longo de todas as narrativas, seja para embelezar a narrativa ou demonstrar para o leitor a presença de um ambiente idealizado, como o final do dia, o pôr do sol no deserto etc.

Já a estrutura de superfície é muito variada, justamente para manter a cara de "sempre novo". São centenas de criação a nível de temário, personagens etc.

No "corpus" analisado, podemos destacar a presença dos nomes das personagens, as profissões e personalidades. Embora sejam diferentes, uma chamando "Mary Jane", e sendo professora dedicada e bondosa, convivendo com várias prostitutas que dançam no saloon e que podem chamar Betsy, Greta ou Maggie, ou mesmo outra chama-se Truddy e ser a filha querida de um rancheiro: ou mesmo uma mãe que protege o seu filho, isso não importa , o que importa é que todas têm um objetivo em comum. Querem um homem forte que as proteja ou buscam algum amor

Além das mulheres, existem outros personagens típicos com o xerife, o barman, o auxiliar do xerife, o amigo do mocinho, todos desempenhando suas funções de sempre, variando assim a estrutura de superfície.

Com relação com os personagens, se apresentam com a mesma estrutura para todos. Geralmente os personagens são considerados tipos, pois são "pessoas" que vivem em uma cidade pequena ou em um rancho nas proximidades , com todas as características sócio-culturais humanas. Seria então o dono do saloon, o xerife encarregado de promover a ordem na cidade - mas nem sempre é considerado o melhor, às vezes se rende à ajuda promovida pelo mocinho -, o médico que socorre as vítimas da cidade, o rancheiro que geralmente é uma pessoa influente, e como não poderia deixar de faltar a mocinha que pode ser filha de um rico rancheiro, ou mesmo uma herdeira em dificuldades financeiras, mas que ao final acaba sendo o prêmio de um desfecho feliz.

O mocinho do Farwest nem sempre é o tipo de herói com todas as qualidades morais que são exigidas para merecer esse título. Esses "personagens" que se consagram como heróis, no passado, foram pessoas comuns com defeitos ou qualidades, mas que ao longo da narrativa se elevam e permanecem elevados, ou mesmos já surgem de um nível elevado e se elevam ainda mais.

Na maioria das narrativas - História de Western - os personagens considerado "heróis", foram muitas vezes, bandidos, ou caçadores de recompensas (killers) que com suas habilidades com as armas, resolvem uma determinada situação e se elevem ao posto maior do reconhecimento.

Para exemplificar cito os personagens John Colleman[8] e Cliff Warland [9] que não primavam em seu passado por uma boa índole. Um era considerado vagabundo e causador de problemas - isso pela própria mãe - , (...) "Que seu filho haveria de ser mais um daqueles vagabundos que apenas ficam à espera de uma oportunidade para sobreviver: o outro em ex-presidiário, acusado de homicídio e que ficou dois anos na cadeia. Ambos acabam dando uma virada em suas vidas. Colleman se redime de sua vida de vagabundo e beberrão como num passe de mágica (...) "Acho que consegui quebrar o encantamento. Não sinto mais essa horrível necessidade de sentar a uma mesa para jogar ou beber" (...), ganha o cargo de auxiliar de xerife devido a sua habilidade de atirador rápido. Cliff Warland, de ex-presidiário passa a herói, resolvendo um seqüestro na cidade. Ambos elevam-se e no final ressurgem como respeitados heróis, mesmo que os meios utilizados não sejam os mais convencionais - ou seja, empunhar um colt, ser o mais rápido, eliminar bandidos e colher as honras da vitória junto à mulher amada.

Embora nem tudo valha como regra, os personagens Springfield Rock [10] E Michel Clark [7]. São considerados elevados, pois já pertenceram a uma escala social mais elevada e por manterem um padrão moral e de respeito. O primeiro era um veterinário, um bom homem (...) "o que há de melhor no caráter de Spring é a sinceridade, a honestidade, e a solidariedade"... contudo considerado durão, por ser domador de cavalos selvag□□ens e o melhor atirador do povoado, confirmado em suas inúmeras vitórias no campeonato anual de tiro ao alvo. O segundo, delegado federal encarregado da organização dos sindicatos de

simpático, astuto, bonito e rápido no gatilho. Ambos se envolvem em resolver casos da lei sozinhos, visto que esse era uma atividade sonhada por lei no oeste americano.

Embora os quatro personagens tenham trajetórias diferentes, eles acabam se confundindo pois desempenham o mesmo papel de "salvadores da pátria".

É importante lembrar os propósitos a que se permitia as leis americanas. No intuito de se fazer justiça e não permitir a impunidade era delegado a qualquer um o direito de "caçar" homens - estampados em cartazes de "procura-se vivo ou morto recompensa U$ 1000" -. E assim surgiam aqueles que colocavam a sua habilidade com os revólveres, a serviço da lei e se intitulavam como "Killers", que mais tarde viriam a ser personagens freqüentes das histórias de Farwest.

Heróis à parte! Como não poderia deixar de falar, para que existam os heróis é necessário que haja vilões.

Os vilões nessas narrativas são caracterizados como bandidos frios e sanguinários, que matam e roubam, são nocivos à sociedade e não tem piedade de ninguém. Tudo isso em nome da vingança, ou por um punhado de dólares acabam atirando sem dó, onde o autor procura demonstrar o espírito da crueldade que os inspira.

São "pessoas" com nomes comuns como Dave, Rumpell, Duke [8] . Mas considerados perigosos, e que precisam ser eliminados pelos meios legais, com julgamento e condenação à forca ou cadeia, ou mesmo através de pistoleiros que matam mais pela recompensa do que pela própria justiça. Isso demonstra o poder americano em se fazer justiça ou os ideais de dominação exercido pela força. Com isso os heróis se engrandecem e tornam mais fortes e invencíveis. Quanto mais bandidos existir, mais os heróis se tornam heróis.

Quanto à caracterização, os personagens presentes nessas narrativas são considerados planos, por serem pouco complexos, sem muito atributos. Geralmente são mocinhos por natureza ou os "Killers" de aluguel, que são de fácil identificação pelo leitor.

Com relação ao ambiente prevalece sempre o mesmo : o velho cenário do oeste americano e suas cidades que se desenvolveram pela migração de pessoas em busca de ouro e terras para o cultivo e criação de gado. As histórias datam do século XVIII e XIX, período da mais acirrada corrida para o sul em busca da nova Califórnia, sonhos de riquezas , que acabam retratando bem o espírito conquistador Americano.

Esse espírito, pode-se dizer, é retratado bem em todas as histórias, seja no Farwest como também na área científica.

Além dos "homens" ditos fortes que embrenhavam nas matas ou montanhas e por ali ficavam meses ou anos garimpando, caçando, e por fim acabavam por fundar algum povoado num ato heróico, devemos lembrar as grandes conquistas científicas, mais precisamente a espacial, que até hoje se supera a cada momento.

Isso demonstra o espírito conquistador do povo americano, como também de americano protetor, visto que vimos a todo instante retratado em manchetes de jornais a intervenção militar ou política por parte do governo americano fora dos limites dessa nação.

Nessas narrativas prevalece um ambiente mais Cowntry limitando-se a estender fora dos limites da cidade em algumas ocasiões

Esse ambiente é constituído por aquela cidadezinha com poucos habitantes, que sobrevivem da criação de gado ou do garimpo.

A estrutura física da cidade é composta por algumas casas, sejam de moradia ou não, a delegacia, o estábulo, alguns armazéns e impreterivelmente o saloon.

Na cidade o ambiente é constituído por pessoas que ali vivem ou estão de passagem. Além da instituição família, que é retratada em alguns casos com a mãe, pai, filho, casamento etc. A igreja se faz presente também contribuindo com a formação educacional das crianças, com a manutenção da escola, bem como a pregação da fé, a manutenção da moral e dos bons costumes.

Outra contribuição de ordem colonizadora é religiosa, foi a presença dos "Mórmons" que através de caravanas imensas cruzavam o continente com o objetivo de fundar cidades em que prevalecessem os seus concertos religiosos, por exemplo, a colonização de Wyoming e Montana.

A situação econômica e política para as cidades era a mesma. A lei era representada por um Xerife que procurava manter a ordem, como também prendia, e em alguns casos fazia justiça dentro dos rigores da época, com a presença da população. Um exemplo disso é o enforcamento em praça pública, ou anúncio de recompensa espalhado em cartazes de "Procura-se vivo ou morto".

Esses rigores a que me refira era o fato do próprio xerife, ao prender o bandido por um determinado crime, levá-lo ao enforcamento diante da presença da população. Isso passa-nos a idéia de justiça rápida, implacável, não permitindo a reincidência.

Um exemplo disso aparece no "corpus" em análise "Enterrem os mortos", quanto a personagem John Colleman, após roubar a caixa de um Saloon a população encarna o poder de justiça gritando:- Morte ao Ladrão"!- "Força para o John Colleman"! - "Vamos linchar o mau filho"!.

A propósito vale comentar que os meios utilizados para a punição dos bandidos naqueles tempos, comparando os dias de hoje em alguns Estados dos EUA, não são muitos diferentes, visto que a pena de morte ainda permanece legal na maioria dos Estados.

Com isso pretende-se mostrar a eficiência da justiça, a rapidez, como já foi citada mais acima, o poder punitivo, a justiça implacável contra os seus transgressores.

Em relação à justiça, as exceções eram as cidades maiores, que dispunham da presença de um juiz, e que fazia o julgamento apenas com as testemunhas de defesa e acusação. O veredito era sempre o mesmo. Condenava à forca em praça pública ou à prisão, confinando o elemento em alguma prisão estadual.

A situação econômica das cidades colonizadas girava em torna da extração mineral, comércio de gêneros alimentícios trazidos do leste e criação de gado nos grandes ranchos. Isso demonstra a supremacia absoluta dos EUA em produção de bens de consumo para a subsistência própria.

Em relação ao espaço os quatro narrativas se caracterizam em espaço urbano, onde acontece a maioria das ações, sempre centrada nos Saloons ou nas ruas da cidade, como também nas festas.

O espaço urbano é mais enfatizado para poder passar a

alguma coisa os meios legais estão sempre atentos para punir. O espaço rural é bem menos explorado. Nessas quatro obras analisada, devido ao seu enredo se limitar em ações que acontecem na cidade, salvo as exceções de "Enterrem os mortos"[8], "Aquele pequeno rancho à beira do Fletcher River" (...) "a menos de duas milhas de distância"; e "Mulher Danada", que aborda como espaço o rancho do senhor dos Owens e a cabana de um caçador construída no "Morro das rochas" a algumas milhas da cidade de Biddle City. Em "discípulos do diabo" é abordado apenas o rancho de "Springfield" nas proximidades da cidade, porém o desenrolar da ação acontece em espaço urbano.

A pouca afluência de espaço é uma característica dessas narrativas por conterem poucas células narrativas. Geralmente a ação é concentrada, girando em torno apenas de uma trama, assim torna o espaço mais restrito.

O tempo presente nessas narrativas é cronológico, pois o enredo se desenrola de forma linear, os fatos acontecendo gradativamente em horas , dias, semanas, meses e ano. As histórias são curtas e desfecham rapidamente. Registra a ordem natural dos fatos como: "cerca de 20 dias depois" (...). "viajou durante um mês" (...); "Um ano depois a conversa com Adams"(...) transmitem a idéia de como os acontecimentos se sucedem. Isso acontece nas quatro obras analisados. As vezes a ocorrência do tempo é muito restrita, como é o caso de "discípulos do diabo", em que a trama se desenrola num período de quatro dias, tempo de acontecimento de uma feira na cidade de Bronxville.

A abordagem de um tempo restrito, em se tratando de histórias de Farwest, bandidos, roubos etc., leva o leitor a entender que as coisas se desfecham rapidamente porque transmitem o ideal de justiça implacável contida nessas histórias. Aconteceu, porém não ficou impune. Isso demonstra o espírito prático do americano em resolver as coisas. E com isso a eficiência do herói é inaltecida diante do desfecho rápido da situação.

Com relação à pouca afluência de espaços, a predominância do ambiente urbano ou rural e o tempo cronológico que caracterizam essas narrativas em triviais, outro aspecto de relevância é o enredo.

Sempre de natureza ficcional, embora se espelhem em fatos ocorridos no passado, mas que não retratam a fiel história do Oeste Americano como em documentário. O autor viaja na imaginação tentando tornar o mais verossível possível essas histórias a fim de prender a atenção do leitor, ou para que o mesmo consiga fazer relação ao seu tempo.

Os enredos dessas obras triviais poderia dizer que são invariáveis, por se constituírem da mesma estrutura narrativa profunda. A estrutura fixa que caracteriza as quatro narrativas analisadas é a mesma. Uma violação da norma estabelecida, a impossibilidade dos representantes da lei em conter a situação, o aparecimento de um mocinho destemido que toma a frente da situação e soluciona o problema. Essa estrutura torna-se mais redundante pela presença do bem x mau ou amor impossível. Geralmente ela filha de um rancheiro, ele uma pistoleiro ou um fora da lei cujos padrões sociais ou os rigores morais impedem a união de ambos. Porém o desfecho leva a um caminho só.

Dependendo do enredo, em que envolve o salvamento da mocinha ou de um ente querido, como pai, irmão, mãe etc., pelo mocinho, é

herói. Esquece-se as atitudes morais do mocinho ao logo de sua vida e releva-se apenas o momento de coragem, do salvador, premiando-o com o amor de uma donzela.

Outro aspecto que vale ressaltar é o desfecho se dar com o casamento das personagens. A instituição família é enaltecida através do casamento, reafirmando ainda mais a posição da mulher como companheira e mãe.

A presença das mulheres nessas narrativas é a tônica das histórias. Geralmente a mocinha encontra-se em perigo, seja nas mãos de vilões ou qualquer situação complicada, como a morte de seus pais por bandidos etc. O mocinho, destemido único em condições de reverter a situação, toma as dores, ou por admiração a essa pessoa, ou com o desenrolar da trama a admiração torna-se mútua desenlaçando num "Happy End|" para todos.

Em termos de estrutura do enredo (exposições, complicações, clímax, desfecho) são lineares. Primeiro a exposição dos fatos iniciais, os personagens, os espaços etc. Vale lembrar que os personagens São apresentados com poucas características físicas, limitando-se a dizer: "Bonito", "Atraente, "Ruivo", "Olhos escuros" e no que diz respeito a idade, aparece como : "O mais velho", "O mais jovem", no "Corpus", "Discípulos do diabo" a apresentação dos personagens se limita em "o mais velho era moreno, nariz fino e um rosto simpático"; ou "O mais novo ruivo com um rosto cheio de sardas, porém jovem valente, honesto, sincero"[10].

As características psicológicas e morais aparecem ao longo da narrativa, dependendo das atitudes do mocinho diante da ação[10] "O que há de melhor no caráter de Spring é a sinceridade, a honestidade, e a solidariedade". E com isso permite ao leitor traçar o perfil físico e psicológico do mocinho a partir de seu ponto de vista.

Na seqüência vem a complicação do conflito, que na maioria das vezes se resume a apenas um, até atingir o ponto máximo, o clímax.

O desfecho se dá de forma tradicional para essas narrativas. O herói vence, recebe os louros da vitória, o respeito do público e o amor da mulher amada. E o que é mais importante é que, ao final o bandido morre, confirmando ainda mais o poder de justiça, impregnado nessas histórias.

Ao longo desse trabalho pudemos ver os princípios que regem a construção dessas narrativas e as fazem triviais. Primeiro pelo automatismo de produção em série e a relevância do momento da distribuição em detrimento ao da qualidade e da criação. Em segundo pela estrutura profunda que é o bem x o mal; o amor impossível, etc. E em relação à estrutura de superfície, que é a grande variável, mudam-se nomes, ambientes, espaços, temática etc., dando a impressão de é tudo novo.

Mas o mais importante e o propósito do meu trabalho é a concepção do herói nessas narrativas.

Às vezes questiono-me sobre os ideais de justiça presentes nas histórias de Farwest, o fato de os valores humanos serem esmagados num rápido sacar de um colt e pondo abaixo uma vida, para a elevação de um outro ser humano e com isso ser enaltecido como "herói".

Que "herói" seria esse que mata ao invés de prender? O

como na mitologia, ou seria a fraqueza dos outros que acaba por concebê-los "heróis"?

Para desvendar esses mistérios estarei caracterizando o herói contido nessas narrativas triviais fundamentado no trabalho de Flávio Kothe[5].

HERÓI

Para Flávio, "as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniaturas o sistema social, e o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema; sendo assim o percurso do herói nessas é sempre o mesmo: violação da norma, a punição e a elevação do herói.

Mas mesmo o herói se elevando continua baixo como pessoa; embora seja determinado para apresentar a classe alta como elevada, a sua classe não muda. É herói mas continua pobre.

O fato de o herói, ser de extratificação baixa, é que geralmente são "pessoas" comuns, com um comportamento comum, freqüentadores dos saloons, jogadores de pôquer, que apreciam a bebida e convivem com as bailarinas, mas se destacam mediante uma situação por desenvolverem uma habilidade que não é comum - isso no caso das narrativas de Western - são habilidosos com as armas, corajosos e assim eleitos a defensores.

A exemplo disso as personagens John Colleman [8] e Cliff Warland [9]. são de extratificação baixa. O primeiro, considerado vagabundo, perambulava pelos saloons na jogatina e, para se firmar como herói, teve de sair da cidade, se elevar, e retornar defendendo os interesses de "todos" da cidade para permanecer no "alto". Para Cliff não ocorre de outra forma. Considerado fugitivo da cadeia, a sua ascendência é relativa ao desbaratamento de uma quadrilha que seqüestra e mata. Este acaba se sobressaindo aos agentes da lei que representam os interesses dominantes.

Embora baixos, eles promovem um desfecho positivo e de felicidade, que é uma característica que a poética normativa aponta para a trivialidade.

O alto e o baixo se conjugam continuamente. O alto ditando as normas, detendo o poder, porém ineficiente, incapaz; o baixo que vive sobre as ordens daqueles que detém o poder, se eleva dentro da sua baixeza como herói, mas permanece baixo como ser humano. Ele nunca terá o "status" do elevado , mesmo que se sobreponha com a sua coragem.

A estrutura social vigente nessas narrativas é a mesma padrão. Aborda alguns aspectos da classe trabalhadora, como peões, empregadas domésticas, representando o baixo; o doutor, o banqueiro, o prefeito, o rancheiro, representando o elevado.

Os saloons eram o único local de reuniões dos moradores. Lá se misturavam a plebe, como também o clube da aristocracia.

Podia haver bandidos, ladrões, heróis, prostitutas etc., porém vale ressaltar que as pessoas citadas na maioria eram homens. As

desse ambiente, devido aos princípios morais das famílias da época. Salvo a exceção Mary Jane [7] , que tocava piano no saloon mas mesmo assim não partilhava dos princípios morais e profissional de suas companheiras salvadoras.

"O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade. O herói passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estrutura social em classe alta e baixa" [5].

Arriscaria dizer aqui que, devido ao automatismo da narrativa e a classe para a qual é voltada esse tipo de obra, o herói presente nela tem por obrigação ser baixo, e se elevar gradativamente até chegar ao alto. Essa seria a maneira de a classe ou do representante dela se afirmar como pessoa, visto que o "elevado" é sempre desejado por aqueles que estão obstante a esse "point" social. Embora valha citar que nas obras clássicas gregas, os grandes personagens eram basicamente sempre aristocratas.

Para o autor que representa um segmento da sociedade, falar do baixo é mais fácil, pois caracteriza-o do seu ponto de vista, baseado nos seus valores morais, sociais, dizendo o que é bom ou ruim, enquanto que o baixo, sempre querendo se elevar, procura se espelhar no alto, em seus costumes, suas crenças etc. Embora mantenha a distância nunca questiona os valores, apenas quer seguí-los, imitá-los.

O herói queira ou não está representando uma classe. Representa uma, porém acaba defendendo a outra.

Embora tenha-se falado que o herói é aquele que pertence à classe baixa, eles também podem sair do meio burguês. Isso acontecia nos clássicos gregos, conforme cito anteriormente. Na modernidade esta marca aparece em Machado de Assis, onde é marcante a diferença entre o rol de seus personagens. Os seus personagens são quase todos oriundos das camadas mais altas da sociedade, os escravos, que constituem a grande maioria da população estão quase ausentes em sua obra conforme cita Flávio [5].

No "Corpus" analisado, destaco a presença de dois heróis: Springfield Rock [10] e Michel Clark[7], que mesmo saindo do meio social mais elevado representam-o muito bem e por fim acabam por se elevarem ainda mais. A sua ascenção se dá pelo combate ao considerado socialmente baixo, o crime, o roubo, o seqüestro etc. - não que a alta classe não cometa esses tipos de contravenção, mas pelo fato de não aparecerem travestidos de bandidos.

Os heróis aqui citados representam a classe dominante na sua totalidade: são os banqueiros, criadores de gado, compradores de minerais, isso só vem a confirmar o poder, financeiro, hoje mais voraz, da sociedade americana.

Eles são considerados "salvadores da pátria" por representarem essa classe, trabalharem como uma espécie de "porta voz"; defendendo os valores instituídos pela classe e que, com certeza, poderiam voltar-se contra eles mesmo em outra situação qualquer.

Veja-se nas palavras do personagem Springfield Rock [10] "Eu juro que descobrirei os verdadeiros assassinos e os matarei!; (...) "Sabe xerife, vou exterminá-los"! Isso ocorre ao longo dos acontecimentos, durante a feira da cidade de Bronxville, onde o personagem citado absorve para si

o desejo de vingança, se mostrando indiferente ao representante da lei, que também não se manifesta contra essa atitude.

Ainda nessas narrativas, em decorrência do automatismo da obra, o enredo se desenrola em torno de fazer justiça - essa seria a forma de falar - ou melhor dizendo: vingança.

A violação da norma estabelecida gera um conflito que envolve pessoas. Essas pessoas estão ligadas a outras por sentimentos, que podem ser amor ou ódio.

Embora opostos eles se resumem em um só desfecho, quando o "herói" soluciona o problema e acaba se envolvendo com a "mocinha" da história, resumindo isso em um desfecho feliz. Nas quatro narrativas o "Happy end" se dá com a união dos pares. A presença do casamento como ideal de família, as palavras de amor ditas, os juramentos como: "você sabe muito bem que não consiguirei viver o seu amor"[8], ou mesmo (...) "pois aquilo era tudo que esperava para si: um amor, um homem honesto a quem se dedicar e um lar para construir uma família"; [10] leva-nos a acreditar que a mulher da época buscava também a proteção em uma relação com um homem que fosse forte, destemido, querido ou odiado por todos.

Porém tudo isso contrasta com a tônica das histórias de Westenn. Ao mesmo tempo que lemos palavras doces que tratam dos sentimentos, surge-nos a árdua visão do poder de justiça que essas literaturas tendem em transparecer em frases como essa: "dentro de pouco tempo a cidade estará livre dos bandidos"; e logo em seguida o resultado "pronto... a cidade está limpa outra vez".

Isso dito pelo personagem John Colleman [8] onde ele sozinho elimina um total de dez bandidos em apenas um duelo, e com uma coisa marcante para essas histórias: o "herói" jamais erra o alvo, ou seja, atira sempre entre os olhos do bandido indiferente da sua posição de ataque. Essa é uma característica desse tipo de herói: preciso, eficiente.

Em primeiro vem reforçar a tese de que o herói trivial é um "pseudo herói"; em segundo afirma a ideologia subjacente a essas obras, de que o americano é forte, é corajoso, é hábil, é poderoso, e tantos outros é(s)... veja bem, nas grandes produções cinematográficas produzidas na América onde os personagem em atitudes individuais resolvem determinadas situações, digamos até impossível a um esquadrão militar bem treinado, apenas como exemplo cito duas produções: "Duro de matar .. ", com Bruce Willis e a série "Rambo", com Silvester Stalone.

Ao se tratar de justiça presente nessas narrativas, por vezes acaba aparecendo alguém de bom senso, percebe-se na obra "Final dos canalhas[7], quando o delegado federal Michel Clark quase no desfecho clama aos integrantes da cidade que resolvem ajudá-lo[7] "Eu quero prisioneiro e não cadáveres", mas por ironia do destino todos acabam mortos. Em "Mulher Danada" [9], quando a população clama por justiça dizendo. "é preciso que alguém a castigue pela sua maldade", automaticamente já delegaram poderes ao "herói" para resolver a situação, embora o destino do infrator (a) seja quase sempre a forca.

A união dos contrários acerca dessas narrativas dão a tônica esperava pelo leitor. Se " a felicidade que ele procura na obra literária é aquela que não encontrou na vida "esse é um desses momentos de

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei essa pesquisa o meu propósito era de caracterizar o herói presente nas narrativas de Wetern. Mas com o desenrolar do estudo percebí que não se tratava apenas em dizer que o herói era isso ou aquilo.

Baseados nos estudos dos autores citados pude entender os verdadeiros motivos pelos quais essa literatura abrange uma infinidade de leitores.

A começar pelo momento da produção que prima pela reprodutibilidade em série de um produto com prazo de validade, desprezando a qualidade literária em questão. Assim sendo acaba por colocar no mercado um produto com cara de novo, barato, que agrada ao leitor, primeiro pelo preço e segundo pela identificação a nível de título que é sempre chamativo e por fim instiga o desejo pelo consumo.

Durante o trabalho pude perceber os meios pelos quais o autor se utiliza para poder compor essas histórias afim de agradar ao leitor e concluí que tudo que alí está escrito tem seu objetivo maior, que pode ser tanto o financeiro, que é o primeiro, como também o de promover o entretenimento para aqueles que buscam nessas palavras mágicas um meio de escapismo da motonia no mundo real.

Segundo Flavio[5] o herói das narrativas triviais de direita - as quais o "Corpus" em questão faz parte - procura apresentar a classe alta como elevada e a classe baixa como inferior. E é através de veículos diversos que ele se manifesta como: a televisão, revista, cinema, livro etc., que são jogados ao consumo do público com um propósito maior que é o do mercantilismo, e por outro lado a doutrinação ideológica dos meios capitalistas de produção e venda de "Cultura". Esses meios utilizados são os mais abrangentes e acessíveis a grande massa da população e por isso é utilizado pela classe promotora.

Se é através da identificação do herói que o ser humano vê seus desejos realizados eu diria que, baseados nos estudos citados, a indústria cultural atinge seus objetivos de dominação cultural através da venda e consumo dessas literaturas.

Como já foi dito o herói trivial é um "pseudo herói", está sempre arriscando sua vida no extremo, porém nunca é atingido e saí absoluto da situação. E é através disso que acontece a identificação do leitor com esse tipo de narrativa, que promove a restauração da norma e a afirmação do "Status Quo" de um público que vive atropelado pelas incertezas do dia a dia.

Em todo esse trabalho procurei mostrar que o herói contido nas narrativas de Western se caracteriza de acordo com os propósitos ideológicos de quem os cria. Sendo uma publicação oriunda da maquina do capitalismo, o mesmo vem defendendo a classe e consecutivamente seus valores. E com isso acaba por retratar um meio de dominação cultural dos países desenvolvidos em exportar traços de sua cultura.

O herói do Oeste é idealizado como forte, destemido,

odiado. É o retrato do poder dominador americano. Ele vem representar o espírito prático em resolver todas as coisas rapidamente.

Gostaria ainda de considerar que somente a partir de um aprofundamento maior poderia estar levantando outras questões a respeito da constituição do herói nessas narrativas.

Embora o tempo previsto para a realização desse trabalho tenha se esgotado, e pelo fato de ter analisado apenas quatro bolsilivros, dentro de uma infinidade de publicações, acredito ter atingido o meu objetivo.

Assim gostaria de dizer para concluir esse trabalho que , se a vida moderna tem levado as pessoas a se entregarem a trivialidade da televisão, a felicidade que eles procuram, é com certeza, aquela que não conseguem encontrar na vida real.

NOTAS

(1) CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Ática, 1995.

(2) CANCCLINI, Nestor Garcia. A socialização da arte. Cultrix,1984.

(3) AVERBUCK, Lígia. (et alli) :Literatura em tempo de cultura de massa. Nobel, 1984.

(4) GANCHO, Cândida Vilares. Como Analisar narrativas. Série princípios. Ática.

(5) KOTHE, Flávio R. O herói. Série princípios. Ática.

(6) BRAIT, Beth. A personagem. Série princípios. Ática, 1987.

(7) – Final dos Canalhas – James Monroe, nº. 66.

(8) – Enterrem os Mortos – James Monroe, nº. 90.

(9) – Mulher Danada – Mortimer Cody, nº. 95.

(10)– Discípulos do Diabo – Tadeu Romano. Nº. 85.

BIBLIOGRAFIA

AVERBUCK, Lígia - São Paulo: nobel, 1984. Literatura em tempo de cultura e massa. Textos por vários autores - 1- cultura popular; 2- Literatura e sociedade; 3- meios de comunicação de massas d \e literatura.

APOSTILADO UNEMAT – PL- Narrativa trivial (texto 1) Súmula da apostila com texto idem da profª. Drª. Hilda G. D. Magalhães.

BRAIT, Beth. A Personagem. 3ª. Edição - Editora Ática- Série princípios- 1987.

CANCCLINI, Nestor Garcia. A socialização da arte. São Paulo, Ed. Cultrix- 1984.

CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. Editora Ática, 1995.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. Série Princípios. Ed. Ática- 1991.

KOTHE, Flávio R.- O herói. 2ª. Edição. Ed. Ática - Série Princípios.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT

ANEXOS

FINAL DOS CANALHAS
JAMES MONROE
LIVRO NÚMERO 7
RESUMO

Mary Jane Austin era uma professora que havia saído de sua cidade natal, em conseqüência de um amor mal resolvido.

Passaram-se quatro anos, e seu pai, doente e velho estava a beira da morte.

Ela, pessoa bondosa e dedicada, resolveu visitá-lo, pois poderia ser seus últimos dias.

A viagem era longa e perigosa. No meio do deserto a diligência fora assaltada por conseqüência do transporte de uma carga de pedras preciosas por um dos passageiros.

Isso viria a mudar completamente seu destino.

Recolhida por outra carroça com prostitutas, que vendiam shows nos saloons, chega a uma cidade e se destaca dentre a população local pela sua atitude alheia ao meio devido das outras que compunham a comitiva.

Coração grande, bondosa, inteligente, amável, começou a trabalhar como pianista nos shows e prestar serviços assistenciais a comunidade.

Na ocasião ao dispensar seus cuidados a um garimpeiro mordido por cobra, vindo este a falecer, deixou para ela uma frente de garimpo muito promissora e uma boa quantia de ouro e dinheiro depositada em um banco na cidade.

Ela recebeu-o e com ajuda do velho Jones – guia da carroça das prostitutas – multiplicou seu capital comprando outros garimpos, enriquecendo, contratando pessoal, construindo escola, dando assistência médica aos necessitados etc.

Por fim, como é de se esperar, onde tem ouro tem inveja e ganância.

Um bando de ladrões espalhavam terror e morte entre os garimpos, matando os garimpeiros, roubando-os, fazendo assim emperrar as atividades comerciais de Mary através do medo.

Pensando em desistir dessa vida, para evitar mais morte e não querendo pedir ajuda ao delegado Federal Mike, que outrora foi dono do seu coração, Mary suspende suas atividades.

Porém quando Mike soube, seguiu para o vilarejo com a intenção de salvar a sua amada daquela situação.

Com todas as qualidades que um homem precisava Ter para se sobressair no velho oeste, Mike chega e resolve dar cabo àquela situação.

Em pouco tempo, com a ajuda da população e sua habilidade com o revólver limpa a cidade dos malfeitores.

Mary ao reencontrar seu grande amor não o deixa escapar. Prende-o junto de si e ficam juntos para sempre.

ENTERREM OS MORTOS
JAMES MONROE
LIVRO NÚMERO 8
RESUMO.

A trama acontece em um vilarejo do oeste Americano.

John Colleman, garoto, filho de uma viúva que sofria para tomar conta do rancho, educar a ele e mais uma filha.

Considerado preguiçoso pela população da cidade e pelo xerife também, que por vezes aconselhava a não beber e jogar.

John se mete em uma enrascada (jogo) e é convidado pelo xerife a deixar a cidade e não magoar mais a sua mãe que era afeto íntimo do xerife.

Ao ir embora, procura uma cidade bem distante onde pudesse recomeçar sua vida, se regenerar e tornar-se respeitado. Em menos de um dia já se fazia respeitado no povoado devido as suas ações com as armas.

Pouco tempo depois casou-se com a moça mais bonita e desejada da cidade, e tornou-se ainda mais respeitado.

Tudo corria bem quando veio a saber que na cidade em que vivera, havia um bando que estava amedrontando, matando e por conseqüência disso tomar conta da cidade.

Sem pestanejar partiu pensando em ajudar o xerife e por fim pagar a dívida que tinha com ele. A de tê-lo transformado em homem respeitado em conseqüência da sua expulsão da cidade.

Chegando à cidade em que vivera, momentos depois já havi a resolvido a situação matando sem piedade aqueles que ousavam andar fora da lei.

Resolvida a situação recebe com louvor o reconhecimento do público, e sua mulher notifica que está grávida e que o filho seria chamado de John Colleman.

Assim a felicidade voltou a reinar.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

MULHER DANADA
MORTINER CODY
LIVRO NÚMERO 9

Cliff era um pistoleiro que havia cumprido pena na prisão e solto por bom comportamento.

Chegando nas imediações de Biddle City é baleado e posteriormente socorrido pelos vaqueiros do rancho do Sr. Owens.

Sua filha, jovem bonita, sonhadora, vê em Cliff um homem diferente e passa a admirá-lo.

O xerife descobre que outrora ele foi procurado pela polícia, prende-o afim de averiguar.

O alcaide da cidade que tivera seu filho raptado por bandidos, vê em Cliff a solução para reencontrá-lo e traze-lo de volta.

Cliff aceita a proposta de investigar, mas descobre que Flô, mulher do alcaide, e antigo amor de sua vida está envolvida no sumiço da criança.

Isso torna um obstáculo para ele, pois ela contrata pistoleiros para matá-lo.

Esperto, bom no gatilho ele se safa de todas as tentativas, porém um plano bolado por ela que envolvem os seus irmãos – também bandidos – o coloca numa enrascada e ainda é suspeito da morte do xerife.

Somente Truddy acreditava na inocência dele.

Capturado pelos bandidos e levado a uma cabana nas montanhas ele se vê perdido, até que Truddy acha-o mas não ajuda muito, pois é capturada também.

Após algum tempo ele consegue escapar matando os bandidos e salvando a vida do garoto. Flô é enforcada pela população e Cliff ganha para sempre o amor de Truddy. Os dois fazem planos para irem embora da cidade e ficar juntos para sempre.

DISCÍPULOS DO DIABO
TADEU ROMANO
LIVRO NÚMERO 10
RESUMO

Com a chegada das festas anuais de Bronxville, havia um grande fluxo de pessoas que vinham para ganhar dinheiro com barracas e se divertirem.

Spring era o campeão de tiro ao alvo dos anos anteriores e como tal não podia faltar.

Com a promoção do evento, bandidos na intenção de tomar o lugar do médico local, mataram-no provocando a fúria do pessoal da cidade, como também de Spring que era apaixonado pela filha do doutor.

Peter, seu companheiro, que se sobressaíra muito bem com as armas no concurso de tiros e num duelo provocado por um pistoleiro, ganhava a confiança da população.

Após a morte do banqueiro e do incêndio na casa do doutor, e com a morte também da amada de Spring, os dois saem para caçar os bandidos jurando vingança.

Encontram-os, e num ato de fúria e destreza com as armas, põem abaixo alguns bandidos, apreendem os outros para serem entregues ao xerife e com certeza enforcados.

A vingança foi realizada. Spring ganha o amor daquela que presenciou os horrores da vida dura que até então havia levado, dizendo sim ao homem que escolhera, ou que o destino o colocou em seu caminho.

Tudo acaba bem, unidos e casados.

